



moa sipriano

URSOLITARIO
m o a s i p r i a n o . c o m

URSOLITÁRIO

Moa Sipriano

Ursolitário

Vem das minhas caminhadas diárias a inspiração necessária para criar histórias que de alguma maneira são capazes de alfinetar o coração do meu leitor simpatizante.

Considero-me um obcecado observador da fauna humana. Ninguém escapa ao crivo das minhas castanhas retinas bem treinadas. Durante minha espeloteada introspecção, avalio o comportamento do Homem, retirando o melhor da sua essência. Na minha varrida solidão voluntária, destrincho entrelinhas na esperança de despertar sentimentos não mais enrustidos de quem se aventura a desvendar meus mistérios.

Enquanto escriba romanesco, eu adoro minha privacidade, onde posso ser um deus ou vários diabos a realizar o que eu bem entender com meus machos fora de prumos e seus corpos viris e suas almas delicadas, incompreendidas, deslocadas.

Já enquanto artista, eu compreendo qual é a minha responsabilidade perante a Diversidade, abrindo mentes e portas e criando oportunidades a centenas de Anônimos que encontram o devido alicerce nos meus contos e romances repletos de Liberdade, de modo a promover maravilhas em suas existências não mais ignorantes.

Sempre digo que não dou a mínima a quem eu sou, apenas ao que produzo de melhor em benefício daquele que ousa cruzar com meus parágrafos.

A alcunha de “ursolitário” tem tudo a ver comigo: sou um escritor reservado, simples e sempre “na minha” perante a dita-cuja da Sociedade. Sendo um bom ouvido nos meus bastidores secretos, mantenho-me inquieto como um competente contador de histórias coloridas na sincera intenção de abrilhantar um mundo que insiste em permanecer tão opaco.

Feliz Ano Novo

Não gaste energia inventando desculpas. Invista seu tempo na busca de soluções.

Não gaste saliva e neurônios fofocando sobre a vida alheia. Invista sua capacidade em enaltecer o que há de melhor no outro.

Não gaste todo o seu dinheiro em futilidades. Invista suas sobras em algo capaz de abrir um baita sorriso nas afogueadas faces tímidas de um anônimo necessitado.

Não gaste frases distorcidas assim, soltas ao vento. Invista suas experiências de vidas em conselhos práticos capazes de endireitar um caminhante.

Não gaste tempo em viver do Passado. Invista sua paciência no aqui e agora, na intenção de preparar dias de um ano realmente novo, repleto de glórias!

Acredite no Amor

Há passagens em nossas vidas onde cultivamos inúmeras decepções com pessoas que cruzaram nossos caminhos. Somos enganados, humilhados, iludidos por “promessas” que jamais se concretizaram. Porém, deveríamos saber que tais passagens servem apenas para fortalecer a nossa evolução pessoal.

Muitas vezes, a dor de separações acaba por minar nossas esperanças de encontrar uma alma companheira. O tempo passa numa rapidez absurda. Chegamos nos “enta” e rolam desesperos. Acreditamos que “é o fim” e que estamos eternamente fadados a “consumir” corpos sem identidades em fugas de meros cinco minutos.

Eis que a Providência nos oferece a última chance. Por merecimento, quando menos esperamos, ele aparece. Não, ele não é o utópico príncipe encantado. É simplesmente aquele ser mais que especial que vem para somar ao seu lado e que está disposto a construir um novo caminhar.

Ele precisa de você. Você precisa dele. Ambos navegam na mesma sintonia!

A magia, um dia, já aconteceu comigo. Acho justo compartilhar a alegria, o voto de esperança com você. Eu já fui, literalmente, abençoado pelo Amor. Quando ocorreu, agarrei a chance de ser feliz. Aproveitei cada segundo da divina parceria entre almas afins. Comemorei o tempo necessário da união com um homem magnífico, bondoso, compreensivo, cheio de vida, de garra, de vontade de vencer ao meu lado.

Sim, é evidente que tivemos nossos altos e baixos. Porém, superamos todos os desafios alicerçados no Respeito e no inabalável Companheirismo.

Vale muito a pena jamais duvidar das bênçãos do Amor.

Ele sempre agracia corações na mesma sintonia.

Aconteceu, um dia, comigo.

Vai acontecer, em breve, com você também!

Amor clandestino

639 km. Assim que me livreí do ônibus, enviei um “zap” com um tosco “já estou aqui”. Como resposta, ganhei uma carinha sorridente e outra de olhos esbugalhados, seguidas de um frio “15 minutos, no máximo”.

Tempo corrido, pesquei que era ele na multidão devido ao seu inseguro estado de palpável ansiedade. Seu olhar mareado fornicava meus olhos abatidos, enquanto salivávamos em desejos de possuir nossas carnes fartas e fundir nossos ossos fortes.

Não trocamos palavras vocais. Somente os gritos das nossas almas eram audíveis enquanto meu cavanhaque centenário roçava aquela barba de três anos.

Nosso abraço perverso, intenso e necessário incomodava e confundia os passantes. Enquanto rostos colados, lutávamos em ascendente desespero para não culminarmos no clichê do beijo de cinema mudo.

Cheiros trocados, lágrimas aparadas, recobramos nossa civilidade, aprumando nossas vestes, ajeitando (inconscientes) as nossas alianças, preparando o Grande Adeus.

Covardes, conferindo as horas nas telas das nossas maçãs, batemos uma espécie de continência desfocada, rodopiamos meia volta e, sem olhar para trás, seguimos nossas escolhas deturpadas, encarnando de vez a eterna saudade de uma paixão enclausurada.

Na plataforma de embarque – exausto, puto e dopado –, que alento captar na tela um “Puxa. Você é real!” aliviado.

Engoli em seco (e eu sei que ele fez o mesmo em macabra sintonia).

Sete anos de indecisões reais e medos virtuais. Ambos incapazes de encarar nossa única realidade de vidas passadas. Desperdiçamos mais uma oportunidade, acorrentados em patéticos relacionamentos de fachada.

Naquela rodoviária, aflitos e acuados, assumíamos de vez a desolação de um Amor clandestino.

Mel e Areia

Saquei de imediato que as lágrimas a escorrer daquele rosto enrugado não eram de encantamento diante do magnífico adeus do Sol.

Num rompante, abandonei a razão e abri as pernas para a Emoção. Afundei minha bunda na areia, quase encostando minhas rígidas coxas peludas nas transparentes varas alheias. Tristonho não esboçou nenhuma reação, tão absorto que estava em seu labirinto dramático.

O Grande Astro era apenas uma linha carregada de lilás e laranja. Quando fomos abençoados pelas Damas da Noite a pipocar no firmamento, engatei a liberdade de repousar meus dedos gorduchos sobre sua gélida mão direita.

Zero reação.

Vinte mil lágrimas escorriam por minuto, rumo ao marulho de ondas invisíveis. Ofertei um abraço pelúnico. Fui recompensado com uma baita fungada no meu cangote não depilado.

Tristonho suspirava um ar rarefeito. Eu procurava, desajeitado, curar suas feridas com meu carinho isento de paixões. Num movimento de cinema mudo, engatamos mãos dadas e um abraço fora de esquadros. Entreguei-lhe meus lábios rachados. Ele me brindou com sua língua medrosa, quase adolescente. Nossos sabores eram idênticos: mel e areia gratinados ao som de um barquinho errante.

“Obrigado pelo beijo másculo... mil vezes tão sonhado... oh, você não faz ideia!”, ele sussurrou num tom-moreira. Só tive tempo de responder com um ligeiro sorriso francamente encabulado.

Tristonho engoliu o último galão de ácido a verter dos seus olhos certamente azuis. Levantei-me açoitado pelo Instinto.

“Vá”, ele impôs com um trêmulo adeus bailado pela mão carcomida.

Segui meu caminho, contando passos até o número noventa e oito. Fui obrigado a olhar para trás e fiquei boquiaberto com a fúria de Tristonho a aniquilar a sétima onda.

Suas braçadas levaram seu corpo rústico além-mar. Seus urros mesclados com risos e aleluias se perderam além de um arco-íris imaginário.

Batismo

Montado na magrela, eu descansava meu suor na segunda hora da madrugada. Hipnotizado com a dança das águas, múltiplos devaneios minavam meus sentidos, onde duas lágrimas fora do roteiro tentavam imitar sobre minhas faces afogueadas os movimentos mecânicos da linda fonte encravada na Praça dos Ferroviários.

Então ele surgiu, cambaleando de cansaço, atravessando o cruzamento férreo e logo em seguida cortou com vagar as multicoloridas faixas friíssimas.

Queixo no chão, eu não sabia se gritava, tocava o lado sul do meu Equador em brasas ou corria para retirar a anta engravatada daquelas cócegas sulfúricas, ambos pincelados em laranja-escarlate.

Pingante, ele veio em minha direção, não sei se sorrindo ou se debulhando em desânimos perante uma falsa e vazia existência desconstruída.

Ele me perguntou o que eu fazia ali, perdido na madrugada. Eu respondi com a mesma intimidação. Ríamos embutidos numa timidez caricata.

Resolvi limpar as lentes dos seus óculos fora de todas as modas. Ele se emocionou com meu gesto maternal. Quando recoloquei sua armadura, ele roubou meu abraço assombrado. Concedi o primeiro desejo, notando de imediato que tal atitude era inédita para o seu ser a vibrar ingenuidade.

Ele ameaçava perder as forças. Prontamente passei a acarinhar seus cabelos, fronte e nuca em suaves prestações. Confirmando nenhuma alma viva ou morta num raio de um milhão de metros, ele me implorou pelo batismo, exigindo uma batalha de línguas desiguais.

Ele não sabia como beijar um homem. Promovi uma fantástica amostra grátis.

Pastas e bíblia e magrela estateladas ao chão, de mãos dadas buscamos a fonte de linda juventude. Num batismo de uma ínfima liberdade, entre jatos de águas-vivas furta-cor, unimos nossos corpos, sexos, almas e pecados. Encharcados em porras e purificados pelas águas, agradecemos ao Divino pelo encontro jamais idealizado. Refeitos para encarar nossas realidades, fiquei com pena ao notar que ele promovia o ridículo na vã esperança de esconder o gasto aro dourado.

Encarnando mamãe, arrumei seus cabelos, aprumei suas vestes (nada) sagradas, ajeitei seus óculos de quinta. Ele apanhou sua pasta e sua bíblia, balbuciou uma oração decorada, desejou-me um “a paz do senhor” e sumiu num vão qualquer da Avenida de Número 5.

Violeta na calçada

Por causa de um descuidado esbarrão, fui brindado com o olhar mais cândido da face oculta da Lua.

Ele acreditou que era o culpado por esfregar seu diminuto carrinho nas minhas ancas largas. Na verdade, eu é que sou um Lesado da Silva assumido. Jamais conheci alguém mais pango do que a minha pelúnica pessoa.

Retribui um honesto sorriso com a palavra DESENCANA gritando no brilho âmbar da minha gasta dentadura. Ele, todo tímido, não sabia o que fazer para ganhar o meu perdão.

Reparei que comprávamos quase as mesmas coisas: pão de forma, frios, maionese, bolachas diversas e mais uma porção de pecados em isopor salmoura, capazes de engordar metade da cidade em menos de duas horas.

Já na boca do Caixa, ele pegou um suco em pó do mais baratinho. Para compensar todo aquele caos divertido, me atrevi a ofertar-lhe uma caixa fechada com um mix de sabores pra lá de artificiais.

Ele sorriu em refestelado espanto, quase enfiando o queixo no umbigo e só daí notei que ele era incapaz de proferir um “não” como resposta.

Contas pagas, trocamos o arredio tapinha nas costas, mais um sorriso cordial e o tal do “se cuida, a gente se vê”.

Já em casa, preparei o piquenique da madrugada. Na hora exata, lá estava eu oferecendo meus lanches caprichados e sucos bem adoçados aos meus irmãos necessitados.

Quando bateu três da matina, quase passei para o outro lado quando vi Violeta na calçada cuidando de um bando de jovens desgarrados, ofertando alimento, carinho, sorriso e esperanças.

Aproximei minha curiosidade bem de mansinho. Ganhei o olhar vestalino da face não mais isolada da Lua Cheia.

É verdade: nosso reencontro estava programado!

Desde então, nunca mais nos separamos. Unimos nossos esforços para o bem-estar alheio. Após o expediente voluntário, quando uma nova manhã de sábado envolvia nossas almas de calorosas bênçãos, cobríamos nossos corpos de beijos e incontáveis maneiras de fazer o Amor.

Laars

Estaquei diante da textura a me atacar doces recordações. Aquela tonalidade, certamente única, competia em igual magnitude com os matizes dos teus olhos sempre tão efusivos. Tons e timbres de um setembro distante, quando a última lágrima, em tenebrosa sincronia, escapuliu da tua alma, matizando meu peito arfante em culpas e saudades. Em pensamentos liquefeitos, sempre te envio minhas flores diminutas, grandiosas em delicadeza e ternura, exatamente como os momentos em que fundimos nossos sorrisos, esperanças e sexos num distante planeta chamado “Lovland”.

Asfalto

Rasgo a manhã com passadas largas a riscar o asfalto amornado. Quero alcançar meu outro “eu” estampado no chão cinza e poeira cintilante. Ele, o outro, ri da minha cara, ziguezagueando sua bruma numa dança impossível. *Durutti Column* nas “oreia”, bailo meu gingado pelúnico na trilha rotineira. Lágrimas besuntam minha pele. Suor escorre da minha alma. Quero morrer! Ou, ao menos, assassinar meus demônios interiores. A saudade se liquefaz sobre o asfalto acabrunhado.

Um Flor no caminho

Seu enigma furta-cor intrigou minha atenção. Suado, pingando sal e saudades, me vi de cócoras todo babão, interrompendo minha caminhada, vidrado com a inacreditável simplicidade da sua delicadeza. Busquei seu perfume e encontrei notas impossíveis. Tonteado com a textura do seu mistério, fui tomado de imensa comoção ao recordar sorrisos e afagos perdidos. Nossa história começava com meu segundo passo.

Óculos

Jogo a moldura do meu olhar sobre a mesa de trabalho. Quero desfocar minhas pérolas quebradiças. Agarro o ar em profundidade. Busco fragmentos de boa inspiração. Viajo nos reflexos do Sol numa das lentes embaçadas. Imploro ideias de finais felizes para os meus personagens embrutecidos. O note repousa em *stand-by*. Não consigo encarar suas teclas iluminadas, muito menos sua tela minimalista. Tudo flui. Nada sai. Volto minha atenção à textura de metal barato. Rio feito um idiota no cio. Preciso trocar minhas lentes. Cato a maçã. Foco na moldura e seu prisma empobrecido. Nada enxergo. Tudo observo. Sou obrigado a dessalgar minhas pérolas apalermadas. A moldura, estatelada sobre o tampo branco, chora e ri da minha *patétrica* fuça pelúnica. Coço os carecas. Confirmo, pela enésima vez, que eu não consigo criar mais nenhum tipo de homem virtual sem a companhia do meu macho ideal a mordiscar minhas partes baixas. Envolto com a Solidão, quebro molduras de metal. Promovo lambidas em lentes orvalhadas. Prefiro a cegueira momentânea. Escolho a escuridão como morada da minha alma ursolitária.

Matricial

Oh! Velha de Guerras. Quase pirei quando te vi empoeirada e esquecida num canto hediondo, sofrendo *bulingue* dos mais novos, insensíveis e incapazes de compreender tua importância em tempos tão gloriosos.

Lembro-me daqueles anos incríveis, quando eu ainda sonhava em ser competente com as palavras. Frases amadoras e poesias desconcertantes que pipocavam na minha tela verde, paridas por um exausto MSX.

Quanta ansiedade eu sentia, hipnotizado pelo bailar do teu carro a riscar formulários contínuos com meus parágrafos enigmáticos. Eu amava o teu som, orgasmava com o timbre do teu pontilhar negro sobre uma página sépia.

Oh! Minha Velha de Guerras. Agora te salvo do esquecimento. Cuidarei das tuas entranhas. Besuntarei tuas engrenagens. Fitarei teu abecedário de alumínio com a melhor das sedas embebidas em puro anil.

Ganharás um novo lar e, em troca, interpretarás tua sinfonia durante a magia dos meus homens em forma e poesia sobre “A4tros” alvos, não mais virgens.

Cadeado

Enforcado em ferrugem e fumaças. Perdido num labirinto de centenários elos metálicos, decadentes. Confuso em carcomidas amarras da Solidão. Ao longe, vislumbro o Senhor Cadeado. Ele baila conforme a música que exala dos escapamentos automotivos. Ele ali, tão perto e tão distante! Oh, onde estará a chave? Penso, peno, sofro. Levo milênios para me tocar de que a chave da minha liberdade está oculta num longínquo coração gaúcho.

O fantasma da Rua Nove

Os acastanhados fios sensíveis dos meus braços roceiros eletrificaram assim que cruzei as laterais da casa amaldiçoada. Soldado no meio-fio da Rua Nove, meu âmbar olhar medroso fixou frouxa atenção naquela segunda janela esquadrejada.

Nada vi em realidades. Porém, confesso que fui acarinhado pela Presença.

Envolto em sensações não mensuradas, murmurei uma rasteira oração para uma Nossa Senhora sem pé, nem cabeças.

Em transe, ouvi lágrimas no Absurdo.

Engoli salivas arenosas.

Formatei uma promessa.

Pelo milagre, fui liberado da minha pose submissa.

Ao abrir a porta da minha nova morada, bebi águas pitangas e chorei uma cascata avinagrada, bem longe de ordens ditas naturais.

No meu segundo sonho – lembro-me que era alta madrugada – eu murmurei um “eu te amo” do fundo de todas as minhas almas, a ecoar pelos ladrilhos da imensa cozinha.

De imediato, fui agraciado com o sorriso mais caceteiro da face oculta da outra Terra. Aleluia! Você estava livre do nefasto encantamento!

Quando acordei, zureta etílico, mamãe berrando aos nove ventos, pressenti a certeza de que havia feito uma escolha certa.

Na próxima vinda, sei que nos encontraremos em berço esplêndido. Lá na frente, vamos restaurar o casarão. Na parceria de almas afins, serei o Amor que você sempre almejou conquistar. Vamos fazer por merecer a companhia um do outro; nós dois finalmente unidos numa dimensão nunca mais dissimulada.

Perdão

A chuva obrigou nosso convívio no íntimo daquele domo alienígena.

Eu aguardava meu marido. Você, sua noiva.

Ríamos por confidenciar nossa ironia perante nossos pares: eles eram viciados em levantar pesos. Eu e você preferíamos entornar boas cervas.

No decorrer da troca de currículos, de repente você, todo tímido, me lascou um milhão de questões sobre como era uma vida “homem com homem”.

Minhas respostas óbvias e transparentes promoveram um turbilhão de emoções até então retesadas.

O tempo foi passando. Nós dois cada vez mais íntimos.

Você encontrou em mim-eu-mesmo um amigo. Eu te aceitei como um fofo aprendiz.

* * *

Ela surgiu toda sorridente, exausta, treino pago.

Você nos apresentou.

Puxa vida. Como ela é linda!

Rolou um adeus com o batido “a gente se vê”. Mas você deu meia-volta. Retrocedeu dez passos. Abraçou-me em prantos discretos, sussurrando no meu ressabiado ouvido esquerdo um comovente “muito, muito obrigado!”. Eu, ali, paralisado diante do ato confuso. Você fez questão de alumiar minhas dúvidas:

“Há anos que não falo com meu irmão, desde que eu descobri que ele é gay. Mas depois de tudo o que conversamos; depois da tua ‘aula de vida’, percebi o quanto fui um idiota das cavernas. Hoje eu vou ligar pra ele e me certificar se eu mereço o Perdão. Obrigado, mesmo, por abrir os olhos da minha alma!”.

Mosteiro

Calafrios riscaram minha coluna ao me deparar com o Grande Templo. Recordei meus vinte e poucos anos inocentes. O Caipira num pedaço dum Vaticano.

Entre rezas e cantos gregórios, eu recordo aqueles intervalos onde você – o Grande Professor – roçava sua brancura vampírica no Deslumbrado da Silva aqui do outro lado.

Eu acreditei que aquele nosso enroscado era Amor. Mas era só (teu) escape. Escape de dois covardes diante dos votos de matrimônios: eu com minha arte. Você com seu cristo. Eu com meu artista. Você com sua hipocrisia. Máscaras arrebitadas no chão da sua cela.

Hoje eu posso bater no meu peito cabeludo e afirmar que ganhei a liberdade de Ser Feliz e AMADO, enquanto você insiste em viver uma mentira, enclausurado nos seus livros e aulas de canto. Você trina para um deus que ri da sua covardia em não assumir a beleza que você poderia ser... no final dos seus dias.

Belo e Maldito

O convite fora estranho. Confesso: bem tentador.

Arrastei o camelô até o salão. Aquele badalado, do outro lado da Augusta.

Ressabiado, ele aprumou a bunda trêmula no macio banco de couro *rouge*. Relaxou horrores com as massagens mágicas da Carminha que, coitada, tentava desembaraçar aquele emaranhado secular a exalar pinga de oitava e tocos de cigarros apodrecidos.

Cabeça lavada, lá foi o escolhido para o segundo banco reluzente.

Dudu fez sua alquimia.

Tesoura daqui, repica de lá, maquininha de cá.

Doze minutos.

Logo após a última secada, todos no recinto ficaram boquiabertos. Tom Ford daria urros histéricos se pudesse presenciar aquele semideus de faces translúcidas, todo sorriso, a lacrimejar diante do espelho de cinema. Ganhamos o dia!

Iluminamos uma alma que redescobriu o que é ser verdadeiramente Belo e Maldito.

Simples assim!

Na ânsia de proteger, você pode ferir.

Na vontade de satisfazer, você pode magoar.

No impulso insensato, você será incompreendido.

No “se calar”, você perde a chance de ser perdoado.

Lágrimas

Tapo a realidade com o orvalho avinagrado a escorrer entre os vãos dos meus dedos acobreados. Quero agarrar fragmentos do Amor que bailam no ar rarefeito de uma tarde sufocante. Sinto-me derrotado e, ao mesmo tempo, renovado. Sei que sou imperfeito. Mas, acredite: sou tão seu complemento! Meu corpo esmorece. Porém, meu espírito insiste em vencer. Eu quero acreditar! Agarro a realidade com o mesmo orvalho lacrimoso a encardir a trilha gris da minha mão hesitante, esperançosa, infantil.

Autorretrato

Lábios cerrados disfarçam meus gritos inaudíveis. Barba desgrenhada revela o desleixo da minha alma combalida. Palavras já não surtem mais nenhum efeito positivo sobre mim-eu-mesmo. O que sai da nossa boca pode ferir inúmeras reencarnações. Só o Perdão salva, não um Divino. De lábios lacrados, aquieto minhas dores a fim de renovar minhas energias no Bem, no Bom, no necessário.

Carícias

Oculto as linhas da (minha) vida. Cerro palmas. Soco o vento artificial promovido por um ventilador centenário. Carrego vergonhas ao ver minhas unhas estilhaçadas e meus dedões fora de formas. Quero abrir minha mão carroceira e abraçar distantes faces gaúchas que tanto amo.

OusARTE

Se você não ousar, jamais vencerá. Toda nuance da Ousadia é válida, desde que alicerçada no estudo, no planejamento e no bem-estar coletivo. Ousar nos faz refletir. Renova todas as nossas energias. Atiça aquele nosso íntimo desejo de não ser, jamais, apenas “mais um”.

* * *

ValorizARTE

Somente quando descobrimos o Amor Próprio lá no canto esquerdo da nossa alma, é que aprendemos a valorizar nossos mais íntimos limites. Deixamos de atrair seres por piedade ou carência e abrimos vasto espaço para a Afinidade realizar sua fantástica magia, apontando pessoas e situações compatíveis com nosso renovado estado evolutivo.

* * *

ChorARTE

Meu único direito é poder chorar o quanto eu quiser e por quanto tempo eu desejar. Chorar em público ou na privada. Na cama ou borrando o teclado. Soltar gritos afetados ou urros enrustidos. O que vale, no *meu* final, é me purificar na dor adocicada a besuntar minhas pelúnicas faces avermelhadas. Jamais choro por “dózinha” de mim-eu-mesmo. Apenas deságua em silêncio na certeza de um amanhecer mais confiante, aprendendo com meus inúmeros erros e vastos deslizes.

Assumir

Assumir quem você é, o que você sente, aquilo que te faz bem. Assumir a tua própria sensibilidade. Assumir os traços ou as curvas do teu corpo. Assumir as dimensões da tua alma. Assumir tua luz própria. Assumir tuas escolhas e decisões. Assumir a tua essência única. Assuma você mesmo. Aqui e agora. Só assim você vai compreender, de uma vez, o que é ser Sereno.

Entrelinhas

Traços e barbas cansadas. Faces abatidas por obra e graça de uma Senhora Existência a cobrar dívidas do primo Passado. Mas o olhar – ah, meu olhar! – ainda mantém aquele mistério que tanto encanta centenas que amam “se perder” nas minhas entrelinhas.

Ser Gay

Não posso responder por você. Só devo afirmar em mim-eu-mesmo: carrego tremendo orgulho em viver todas as cores verdadeiras. Eu fui, eu sou e espero SER GAY durante muitas e muitas encarnações. Sempre foi uma escolha minha, enquanto me preparava na Segunda Esfera. Antes de “descer”, eu já estampava um suave grito de doce liberdade. Hoje, no aqui e agora, através da minha arte posso encarar uma fantástica missão: libertar Indefesos das garras da Ignorância. Eis o resumo da minha íntima felicidade.

Jardim secreto

Só a simplicidade de uma beleza floral é capaz de amaciar meu coração empedrado, enquanto rodopio pelo asfalto na ilusória caminhada repleta de passos desconcertados.

Catedral

Encaro os astros. Faço um pedido. Medito. Sinto a tal da Trindade ferir minhas retinas lacrimosas. Encaro o azul. Finco as sapatilhas no asfalto. Diante do templo, namoro o santo afeminado. Rio do seu batom desbotado. Causas impossíveis? Nada é impossível. Soco o joelho esquerdo. Engato a primeira pisada da nona caminhada. Marco meu caminho com lágrimas cáusticas a arruinar minha maquiagem “meiocentenária”.

Solução

Todo desafio encontra uma solução. Porém, qualquer resultado positivo só é alcançado quando ocorre o encontro do Conhecimento com a Criatividade.

Sendo assim, jamais critique a “gambiarra” alheia.

Toda atitude que reflita esperança de bem-estar deve ser respeitada. Se você pode colaborar voluntariamente com o seu dom e disposição a fim de evoluir com seu próximo, simplesmente faça a sua parte.

No meio do (novo) caminho, todos saem ganhando. Só assim conquistamos e descobrimos o verdadeiro sentido da FELICIDADE.

Meditação

Ainda suporto todos os espinhos por causa da certeza de merecer, dia a dia, os perfumes e texturas da minha Flor de Luz a acariciar meu espírito imperfeito.

Detalhe

É na percepção de um mero detalhe que você acaba tirando a “sorte grande” no decorrer da sua caminhada: o nascimento de uma bela amizade, a descoberta do amor, uma nova oportunidade de trabalho, o reencontro de pessoas queridas, etc.

Por outro lado, é na exposição de um único detalhe que você pode por tudo a perder: algo dito sem pensar, o seu egoísmo navalhando o direito alheio, a falta de sensibilidade em prol do equilíbrio dos envolvidos.

Três pontinhos

Abatido, encaro um céu imponente. Direciono minha atenção até os fios de energia, de comunicação, de sei lá o que. Duas linhas tão próximas. E, ao mesmo tempo, sinto que guardam uma distância respeitosa.

Dois destinos. Dois caminhos. Alta tensão? Monólogos infinitos? Mantenho minhas retinas morenas grudadas na lazulita reconfortante. Em transe, forço a passagem de uma lágrima perolada. Resquício do fim de...

Peitoral

Agarro o lado esquerdo. Acaricio com violência a periferia pelúnica do meu mamilo embrutecido. Sinto a presença da Dor enquanto urro de prazer na ausência dos pelos recém-arrancados. Nenhum som. Apenas delírios. O sal umedecido escorre e evapora, formando flocos de doce algodão. Os grisalhos tufo restantes, outrora secos, ganham uma suavidade macabra, tentadora. Na minha cachola careca, um misto de saudades e revoltas. Agarro o lado esquerdo. Rasgo com suavidade uma cova profunda no meu peito viril. Quero rir e chorar e dormir. Quero morrer e ressuscitar no décimo terceiro dia. E bailar, pelado, nas ondas de um cassino mar traíçoeiro.

Para Fina

Quando a luz se apagar, aproveite a escuridão para meditar sobre os últimos acontecimentos da sua atual existência. Quando o calor se apagar, não tema o Vazio; use o abraço do Silêncio como alicerce para o recomeço. Quando o aroma se apagar, saiba que suas preces foram captadas por um Iluminado, pronto a atender apenas o que for sincero dentro do merecimento. Quando a dúvida se apagar, ofereça uma sincera lágrima de doce alegria, confirmando o lindo mistério do “ainda estou vivo!”.

Carmim

Elas surgiram de supetão. Não era nenhuma data especial. Apenas um fim de noite comum e corrente. Surpreso, agradei o ato carinhoso. Contive minhas emoções. Afinal de contas, receber flores é algo que abala demais todas as minhas estruturas. Sei que elas foram ofertadas com amor. Isso me consola e me faz acreditar no Amanhã. Seus tons carmim ficaram gravados nas minhas retinas. Passei a última madrugada em claro, namorando mentalmente as rosas e aquele anônimo que me presenteou.

Atenção

Dei de fuça com um par de pés craquelados, nada discretos, nas escadas encharcadas da sede da Prefeitura. Ao me aproximar, sufocado em piedade, fui surpreendido com um par de acinzentados olhos esbugalhados, arredios, famintos de atenção. Perguntei se ele sentia fome. Ganhei um “não” como distante resposta.

“Por acaso você está com frio?”, nova negativa com a cabeça triangular.

Eu não tinha dinheiro. Só cartão. A chuva aumentava.

“No que posso te ajudar?” Foi uma pergunta quase em desespero. Ele sorriu, expondo o céu da boca sem o muro de pérolas.

“Eu só queria um abraço. E um pouco de atenção”, ele sussurrou pra si mesmo, com medo de encarar a minha provável fuga.

O céu despencou de vez. Um mote perfeito para horas incríveis de carinhos libertos e um papear inesquecível.

Pen Drive

Pensar que todas as minhas lembranças fotográficas, literárias e musicais; que vinte e um anos de trabalho cabem num mísero pedaço de metal diabólico.

Mão única

Medito sobre as linhas impressas no asfalto.

Qual direção tomar?

Meu anjo diz: “direita, sempre Direita!”.

Já o diabinho grita: “Esquerda, seu idiota. Não há nada de bom ali, do outro lado!”, ele ri.

Suspiro. Inspiro. Fecho os olhos.

Abro o peito e deixo minha alma fluir.

“Siga em frente!”, digo para mim-eu-mesmo.

Volto para a programação normal.

Expedito

Admirei tuas vestes e o dourado a recobrir teus músculos. Roguei pragas por não poder sentir tua pele-porcelana a esfriar meus dedos carrancudos, peludos, suados.

Queria beijar tua boca e presenciar tua fuça de espanto. Dizem que o teu nome é poderoso, então resolvi ruminar um singelo pedido. Se acontecer o Milagre, prometo que vou cobrir teus filhos necessitados de glórias não passageiras. Amém e sinal de uma cruz. Deixei-te em paz e continuei minha caminhada, imaginando teu gesso transmutado em carnes e ossos conservados na lavanda.

A angústia é violenta

Mesmo açoitadas pela chuva, elas mantinham nobreza e beleza na mesma proporção. Fiquei bom tempo a invejar a segurança das suas texturas e tonalidades. Com a emoção aos píncaros alucinados, me peguei fungando, desabando em tristeza e traços de um desespero não mais contido. Sei quem eu sou, mas não me reconheço em diversas horas do meus dias.

Processo criativo

Quando caminho, transpiro e canso. Só assim minha mente desata inúmeras amarras azedas. Nunca penso em problemas, apenas em soluções pra lá de práticas.

Quando caminho, transpiro e canso. Vou fazendo amor com a Dona Inspiração e, por tabela, dou vidas aos meus homens fantásticos a aprontar deliciosos horrores na minha ilha chamada Lovland.

Depressão

Nos arredores do caos eu encontro a beleza. Paro. Observo. Medito: a vida é tão simples! Por que a maioria das pessoas faz tanta questão de arruinar tudo a todo o momento? Sigo, cego, a última trilha. Estou exausto. Não sei quando vou chegar.

Avante

Quando moleque, eu costumava dar uma de “revoltadinho” e vivia do lado esquerdo da Trilha. Quando mais jovem, eu trotava do lado direito de uma caminhada “certinha”, padronizada, tipo: “joão-vai-com-os-outros”. Agora maduro, não rodopio mais pelas bordas. Sigo apenas em frente, sem me preocupar com os lados, sem me apegar (só aprender) com o Passado.

Saudades

Quase oito e as ruas já estão desertas. Nenhuma alma viva num raio de quilômetros ovalados.

“Alma viva... ué... e por acaso existe alma morta?”, começo a rir da filosofia boba.

Fecho o comércio. Sinto-me só. Quero gritar. Arrisco o terceiro passo. Meu corpo necessita de algo além do calórico. Almejo me perder num xis-qualquer-gordura.

De volta ao lar, meu íntimo queria apenas a certeza de um longo e demorado abraço-aconchego.

Chafariz

Água, bronze, azulejo e criatividade. Acarinhado pelas árvores, aprecio um desprezado pedaço de arte, triste em saber que muito em breve aquele monumento será o próximo a ser pichado, depredado, esquecido.

Matriz

Portas fechadas não invalidam meu desejo de recolhimento e orações. Encaro seu semblante magnífico e relaxo diante da beleza dos seus jardins simples, tão bem cuidados. Apesar de não seguir as regras da “sua” casa, amo me acalmar nos seus seios e vitrais e cantos e símbolos. Gosto da imponência do Silêncio. Oh, Matriz abençoada, aprecio suas curvas, naves e salas ocultas. Passo ao largo, murmurando minha fé, sempre agradecendo tudo o que acontece, dia a dia, ao meu espírito curioso.

Praça

Viajo na praça isenta de seres humanos. Poucos sabem (ou querem acreditar) quantos errantes por ali perambulam noite e dia, montam tocaias, criam raízes. Todos em busca de alguma espécie de redenção diante do fórum de causas que deveriam ser possíveis. Espíritos sofredores a exigir respostas do Grande Tribunal. Vejo seus lamentos. Ouço a angústia em seus olhares transLÚCIDOS. Eles sabem de onde vieram. Cegos pelo egoísmo, não compreendem o porquê da “não-passagem”. Confusos, ainda não sabem qual será o jogo do Futuro. E eu ali, observando a balbúrdia enquanto viajo na praça isenta de seres encarnados.

Banho

Arranco a última peça de roupa.

Encaro as águas amornadas.

Quero a purificação de uma espuma acentuada.

Suor, cansaço e saudade escorrem pelo ralo.

Enquanto despacho os pelos desencarnados e rio com meus reflexos golpeando o velho blindex, *Prefab Sprout* encanta meu coração ainda preso nos anos oitenta.

Acarinho a toalha felpuda sobre meus pelos sedosos.

Respiro, aliviado, pronto a cumprir os compromissos da tarde.

Lavanda, leveza e ansiedade escorrem pelo meu rosto moreno, formando pérolas alquebradas pelo Destino.

Espelho

Cara lavada. Lâmina passada. Suor querendo roubar espaço do meu Phebo. Encaro meus olhos cansados e meu olhar esperançoso. Quero abrir o sorriso, mas não encontro forças para estampar meus lábios em alegrias diante do espelho, espelho meu. Guardo o último mistério. Aquele que até hoje nenhum homem se atreveu a desvendar. Aliso com carinho os meus pelos grisalhos com as pontas dos meus dedos pedregosos. Encaro, mais uma vez, o meu olhar em sombras e meus olhos gritando pela volta daquele brilho típico dos apaixonados.

Cinema

Adolescentes gatos pingados à procura de um escape inocente. Fantasia na telona. Ilusões bailando em mentes alucinadas, ocupadas demais com seus *smartphones* americanos com gosto de fruta, “selfiando” sem parar antes do início da sessão, estampando faces felizes de fachada, na vã paranoia de ganhar curtidas tão vazias quanto suas existências medíocres.

Desencontros

Ele me amava. Eu o amava. Durante anos e anos nós já sabíamos qual era a verdade. Porém, carregávamos um temor inenarrável perante a Realidade. Ele lá. Eu, aqui. Nos sábados que deveriam ser de merecido descanso, ambos rodopiávamos nas respectivas Rodoviárias. Cada um chegava até o guichê azul, conferia pela enésima vez os horários de partidas, mas não abraçávamos a Coragem na atitude de conquistar o tão sonhado abraço e o tão demorado beijo entre bigodes roufenhos. Ele lá. Eu, aqui. Amantes covardes. Amor impossível. Será?

Motivacional

“Transforme cada lágrima a escorrer pela tua face esquerda em pérolas a enriquecer teu espírito (cada vez mais) iluminado.”

Glória

Você acorda, se apruma na cama e reprisa o filme da sua atual existência. Envergonhado, você se emociona diante dos inúmeros erros, mas também sente tremendo orgulho pelos tímidos acertos.

Você vê e recorda pessoas marcantes. Amigos, parentes e amantes. Você sente que deve perdoar o Passado, justamente para merecer o perdão como um lindo presente do Futuro.

Você avalia o seu dharma e aceita de vez o seu carma. Tudo é evolução. Você procura compreender todos ao seu redor e reza para também ser compreendido por aqueles que afirmam amar você exatamente como você é/está.

Você inspira o ar carregado de sexo feito pela metade e sente vontade de ser premiado com o “fazer amor” por inteiro. Você fica triste por ser submisso ao Destino, mas, lá no fundo, você tem consciência de que é apenas a Lei do Retorno sendo cumprida à risca.

Você se imagina um trapo, mas quer apenas se sentir humano. Por isso, você pula da cama estreita, abre a janela, estufa o peito e sussurra para o mundo *aloukado* lá fora: “eu vou sobreVIVER!”.

Janela indiscreta

Naquele andar, pela manhã, os dois trocavam apertos de mãos calorosas, confiantes. Tudo regado a canecos de café certamente fumegante.

Naquele andar, no meio da tarde, o moreno andava de lá pra cá enquanto o loiro sambava de cá pra lá. Ambos nervosos, titubeantes, lambendo seus celulares.

Naquele andar, sempre por volta de dez da noite, eles entornavam suas cervejas, riam e xingavam e provocavam os limites um do outro. No final de mais um falso expediente, acabavam se atracando nos seios das sombras provocadas por uma capenga luz fluorescente, engolindo suas virilidades insanas num nervoso meia-nove, antes de aprumarem suas vestes, máscaras e medos, prontos para encarar as coitadas patroas que sustentavam aquela triste pantomima.

Teco–treco

Depois do décimo “Por favor, aceite!”, cedi aos encantos e resolvi embarcar na ligeira viagem. Ele precisava desabafar. Eu exerceria minha dalai-paciência.

Gemendo naquele *teco-treco*, aproveitei para clicar infinitos ângulos da Cidade Azul, enquanto Gaivota trina sua gasta canção psicológica.

Ele não queria mais se esconder, mas não sabia como agir. Na altura daquele campeonato, assumir seria o ideal. Afinal de contas, a Felicidade é irmã da Liberdade!

Assumir. Mesmo que para isso ele perdesse tudo aquilo que conquistou em cinquenta anos.

“Vivemos na Terra dos Enrustidos”, ele gritou, quase provocando um *looping* no meu estômago.

Confirmei o óbvio, imaginando que eu poderia ganhar rios de dinheiro “destravando” armários alheios naquele pedaço de hipocrisia cravado no Interior.

Eu ria da minha bobice num silêncio nada discreto.

Vinte minutos planando, era o momento de pisarmos em solo bem firme.

“Permaneço ao seu lado em qualquer situação. Caso você ainda não saiba, eu sou seu único amigo!”, complementei o nosso bate-papo, assim que beijei a terra vermelha.

Ganhei novamente aquele abraço desconjuntado que eu tanto gosto.

Ele inspirou o ar carregado da tarde.

Melancolia destilada.

Ele sabia que não poderia passar daquela noite a Grande Conversa Família.

“Me liga assim que você declarar sua alforria”, eu sussurrei em leve histerismo afetadinho, beijando aquela testa cabeluda.

Ganhei o mais suspirante sorriso rioclarense.

Premonição

Exausto logo após o segundo tiro, que bênção encontrar um banco vazio. Relaxando meus ossos peludos enquanto trocava *Dido* por *The Beloved*, formigou uma necessidade tamanha de tocar no vazio do meu lado direito. Senti o calor lacrimoso de um corpo que se encontrava ao longe, repousando debaixo da manta branca. Senti um misto de saudades e apreensão. Senti “encostos” e invejas. Senti vontade de rezar e agradecer e pedir perdão.

Podado

Últimos passos no velho oval. Metas atingidas?

Não mais passeios pelas obscuras manhãs. Músicas silenciadas. Tristeza infundada. Tênis aposentados. Clausura voluntária? Um “adeus a mim-eu-mesmo”. Saudades da alegria de quando eu “batia” diversas vezes no 4 KM.

Perdoar

Abençoado pela comissão verdejante, arrasto meus últimos passos na manhã sufocante. Adentro nova dimensão, onde tudo é estranho e desafiador. Lembro que quando erro e sou julgado, se culpado, abaixo meu cavanhaque e murmuro sinceras desculpas pelo meu deslize. Mas se meu coração mantém-se puro e meus atos provam no dia a dia a honestidade dos meus sentimentos, sensível como sou, eu oculto a mágoa para mim-eu-mesmo, sufocando-a futuramente ao som das minhas solitárias lágrimas arenosas.

Árvore da Vida

Você é o brilho do Verde. É o tronco bem torneado. É o bailar das suas folhas vistosas nas asas da brisa matutina. Eu sou o lado carrancudo, de galhos grisalhos.

Porém, carrego no mistério dos meus troncos retorcidos toda a Experiência de Vidas que você ainda não é capaz de mensurar. E já que estamos unidos no mesmo pedaço de terra, é sinal de que algo muito profundo há de cumprirmos juntos e bem misturados.

Siga

Pouco importa a direção escolhida. Não dê bolas para quem se atrever a questionar se você pode ou não estar ali, aqui, acolá. Não importa o valor da estrada. O mundo é um só. Quem traça e faz a caminhada vibrar em (boa) sintonia é você com suas atitudes ousadas. Você pode TUDO, desde que o “tudo” seja capaz de proporcionar benefícios evolutivos a você e a qualquer ser que cruze o seu destino.

Enquanto isso...

... se você não (re)aprender a se amar, você não cultivará o mérito de ser verdadeiramente amado por ninguém!





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com** · **dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com** · **escritor@moasipriano.com**